

Vertente científica contribui para êxito do XXX congresso da SPEMD

Texto: Susana Marvão

Fotografia: Ricardo Meireles



Pedro Mesquita, presidente da Comissão Organizadora do XXX Congresso da SPEMD

Uma consistente e diversificada vertente científica, um preço de inscrições acessível e uma cuidada divulgação ditaram o sucesso do XXX Congresso da Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária, este ano realizado na cidade do Porto durante os dias 15 e 16 de Outubro.

Os cerca de 700 congressistas e a presença de 23 stands comerciais foram, para a organização, a recompensa de um esforço que tem vindo a ser feito de aproximação aos associados. Pedro Mesquita, presidente da Comissão Organizadora, estava visivelmente satisfeito pela forma como esta edição decorreu. E apesar de admitir haver sempre arestas a limar, assume que este foi um dos melhores, senão mesmo o melhor evento dos últimos anos. “A última direcção e, particularmente a actual, presidida por Jaime Portugal, têm feito um esforço notório no sentido de uma maior aproximação aos nossos associados. Isso traduz-se em várias iniciativas que temos vindo a encetar, sendo uma delas, por exemplo, o nosso site, agora renovado. Aliás, até ao final do ano temos previsto uma área reservada a sócios precisamente para criar uma ainda maior aproximação”.

O evento, que decorreu na Fundação António Cupertino de Miranda, teve divulgação quer nas formas tradicionais, como cartazes ou os boletins de inscrição que chegaram às sete faculdades de medicina dentária, mas também nos suportes mais recentes, como o Facebook. “Temos verificado que cada vez mais profissionais têm aderido à SPEMD e frequentado as nossas iniciativas. O Congresso, sendo um dos pontos altos da actividade da Sociedade, acabou por ser o corolário de todo o trabalho”.

O congresso apostou na diversidade dos temas da vertente científica numa tentativa de ir ao encontro do maior número de profissionais. “Trouxemos muitos oradores de renome e outros mais jovens mas com provas dadas na área pelo que também mereceram a nossa aposta. Mantivemos o painel de investigação, que já existe há uns anos nos nossos congressos, que foca a

parte de investigação que se faz em Portugal com muitos investigadores nacionais, de renome”.

O diagnóstico precoce do cancro oral

Andrés Blanco Carrión, da vizinha Espanha, veio expor “o diagnóstico precoce do cancro oral”. O especialista em estomatologia assume que o carcinoma oral de células escamosas (COCE) é a forma mais frequente de cancro oral e que, apesar da melhoria nos procedimentos terapêuticos, os estudos epidemiológicos mostram um aumento progressivo da mortalidade, associada a esta patologia, em Espanha. “O diagnóstico precoce é o factor fundamental para melhorar a sobrevivência”, ressaltou na sua apresentação. A maioria dos COCE diagnosticam-se em estadios avançados (III ou IV) e, conseqüentemente, com mau prognóstico. “Existem evidências que permitem afirmar que a identificação das lesões pequenas permite tratamentos menos lesivos e debilitantes e aumentam a sobrevivência ao carcinoma oral de células escamosas”.

O profissional diz que o conceito de diagnóstico precoce continua sem definição exacta, mas avança que consiste em reconhecer o COCE o mais cedo possível, inclusivamente antes que apareça, eliminando factores carcinogénicos conhecidos e tratando lesões potencialmente malignas. Na apresentação reviram-se os factores etiopatogénicos relacionados frequentemente com o COCE, as lesões orais potencialmente malignas e a forma de apresentar o carcinoma oral de células escamosas desde estadios iniciais aos mais avançados. Fez-se ainda uma análise dos sinais e sintomas de alarme que sugerem que alguma zona da mucosa oral ou alguma lesão pode marginalizar-se e como se pode reconhecê-lo e lidar com isso.

Da função à estética

Após 45 anos de conceito de osseointegração do professor Branemark, existem hoje várias opções de



interfaces protéticas para realizar as reabilitações sobre os implantes, explicou Alexandre Molinari. O especialista brasileiro afixa que muitos relatos mostram problemas e limitações mecânicas e biológicas como afrouxamento de parafusos protéticos, fractura do parafuso protético no interior dos implantes, fractura de implantes, reabsorções de osso alveolar e da mucosa, entre outros. Hoje em dia, revela, “reconhecemos que existem quatro factores cruciais para realizarmos uma reabilitação com implantes do ponto de vista estético, fonético, biomecânico e de higiene. Alexandre Molinari diz que a associação destes princípios tem mostrado o quanto é previsível alcançar a excelência em estética branca e rosa, assim como a estabilidade mecânica e biológica das reabilitações sobre implantes.

Lesões do nervo dentário inferior e do nervo lingual

A apresentação de Rui Figueiredo, da Universidade de Barcelona, focou as lesões do nervo dentário inferior e do nervo lingual associadas à extracção de terceiro molares. Aliás, o especialista começa a sua apresentação por divulgar que a extracção dos terceiros molares inclusos é uma das intervenções cirúrgicas mais frequentes na cavidade oral. Por essa razão, explicou o profissional, existem inúmeros artigos científicos que abordam aspectos relacionados com o diagnóstico, com a técnica cirúrgica e com as complicações pós-operatórias que podem surgir. “As lesões do Nervo Dentário Inferior (NDI) e do Nervo Lingual (NL) são uma das principais causas de problemas médico-legais em Cirurgia Oral, dado que podem originar sequelas permanentes nos pacientes”. Actualmente, podem encontrar-se diversos estudos sobre a incidência, as características clínicas, os factores de risco e a evolução dos pacientes que apresentam estas lesões. Contudo, salientou Rui Figueiredo, a informação disponível no que respeita ao tratamento é claramente insuficiente, nomeadamente as relacionadas com terapias farmacológicas. “Nesta conferência, pretendeu-se discutir as principais formas de prevenção, de diagnóstico e de tratamento destas complicações de tipo neurológico”.

A colocação de implantes na zona posterior do maxilar superior apresenta uma taxa de sucesso ligeiramente inferior a outras regiões. “Este facto está fundamentalmente relacionado com a presença de um seio maxilar pneumatizado associado a um osso tipo IV”. Rui Figueiredo assume que, actualmente, a elevação do seio maxilar é considerada uma técnica com taxas de sucesso muito elevadas e com uma morbilidade reduzida. “No entanto, como em qualquer intervenção cirúrgica, existem diversas complicações intra-operatórias descritas, nomeadamente perfurações da membrana sinusal, hemorragias e falta de estabilidade primária dos implantes”. Por outro lado, no período pós-operatório destacam-se devido à sua elevada frequência, a dor e a inflamação. “As infecções são também uma complicação importante já que o seu tratamento pode ser complexo. Assim, nesta conferência pretendeu-se abordar aspectos relacionados com a prevenção, diagnóstico e tratamento de cada uma destas complicações”.

Como compreender a halitose

A halitose é considerada uma situação comum cuja causa é na maioria dos casos de origem oral tendo, deste modo, o médico dentista a responsabilidade primária no seu diagnóstico e tratamento, diz Ana Mano Azul na sinopse da sua apresentação. E, aqui, a região posterior do dorso da língua é a área de origem mais frequentemente subestimada. “No entanto, o mau hálito pode também ser o primeiro sinal de uma alteração patológica de origem sistémica”. O objectivo da apresentação de Ana Mano Azul consistiu em abordar o problema da halitose, focando primeiramente a sua variada etiologia, com especial ênfase nas suas causas orais. Seguiu-se uma descrição dos métodos de diagnóstico executáveis pelo doente em ambulatório e pelo médico dentista no consultório, assim como as formas de tratamento habituais. A apresentação terminou com a simulação de quatro casos clínicos de forma interactiva entre o médico dentista e o doente. “Estes casos foram seleccionados de forma não só a constituírem uma súmula dos aspectos abordados previamente, como também a recriar as situações que de uma forma geral poderão ser mais frequentes”.

Participação excede expectativas

O presidente da Comissão Organizadora, Pedro Mesquita, congratulou-se por terem conseguido uma participação acima das suas melhores expectativas. “Aquilo

que já vinha a ser hábito, que era o sucesso dos nossos congressos, foi complementado por uma tremenda adesão. Mais do que os cerca de 700 inscritos, congratulo-me com o facto da presença física ter sido efectiva. Isto para além das duas áreas de exposição terem ficado, em diversos momentos, lotadas. Um das áreas foi dedicada aos patrocinadores oficiais e a outra aos expositores”.

A explicação para esta presença efectiva advém, para o organizador, não só da qualidade do congresso mas também do papel que a SPEMD tem vindo a desenvolver. “É o culminar do trabalho que não vem apenas do congresso, vem das noites de formação que realizamos nos três conselhos regionais, Lisboa, Porto e Coimbra, para além da revista científica, que cada vez está mais presente”.

Arestas a limar

“Qualquer um de nós acha sempre que pode fazer melhor”, diz Pedro Mesquita. “Acredito que apesar de ter sido um sucesso, podemos melhorar”. No entanto, confessa que não houve nenhuma situação que tivesse colocado um grande desafio à organização. “É verdade que isso já aconteceu em outros congressos que organizei, mas também, fruto da experiência, vamos antecipando alguns desses potenciais problemas. O próprio facto de ser a terceira vez que realizamos o nosso congresso anual na Fundação Cupertino de Miranda também ajuda pois vamos conhecendo os “cantos à casa”.

Papel da SPEMD reforçado

Sobretudo, Pedro Mesquita espera que o Congresso tenha contribuído mais uma iniciativa para que a SPEMD possa vincar, mais uma vez, o seu papel e a sua presença na comunidade científica da Medicina Dentária. “Muitas vezes as pessoas esquecem-se que esta é a Sociedade Científica mais antiga da Península Ibérica. Foi fundada em 1919 e é a única que permite agregar médicos dentistas, médicos estomatologistas e cirurgiões maxilo-faciais”.

O Congresso regressa ao Porto daqui a três anos já que agora irá rodar por Coimbra, já no próximo ano, seguido de Lisboa. Mas Pedro Mesquita salienta que o trabalho não terminou. “Há que fazer o balanço final, pegar precisamente nas partes menos boas, nos tais pormenores a limar, e juntar as partes positivas, e que contribuíram para o sucesso, e passar essa experiência para Coimbra e Lisboa. Porque apesar de ser uma organização regional, cada vez mais, existe um tronco comum nacional”. ■

